

A IMAGEM DO CIENTISTA QUE DESENVOLVE MEDICAMENTOS EM COMÉDIAS HOLLYWOODIANAS: UMA DISCUSSÃO CURRICULAR

<http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i1.27631>

Lêda Glicério Mendonça*

Francisco Romão Ferreira**

Lúcia Rodriguez De La Rocque***

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ.leda.mendonca@ifrj.edu.br

**Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.fromao@terra.com.br

***Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz – IOC/FIOCRUZ.luroque@ioc.fiocruz.br

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar as percepções de alunos sobre a imagem do cientista que desenvolve medicamentos em cinco filmes de comédia utilizados como subsídio para um estudo de caso aplicado na disciplina de Deontologia Farmacêutica. Os personagens cinematográficos são criados geralmente levando-se em conta os estereótipos e o senso comum, representações que são construídas e desconstruídas culturalmente, em tempo variável. Para tanto, um questionário foi aplicado aos alunos ao fim da prática pedagógica. A análise dos dados apontou que nestes filmes não havia farmacêuticos. Quando inquiridos, os alunos tinham dificuldade em citar filmes com farmacêuticos, sugerindo que este profissional tem pouca visibilidade e que sua imagem está atrelada às atividades visíveis ao público. Para explicar este panorama, buscaram-se as políticas públicas da área da saúde e da educação, sendo por isso, uma discussão curricular.

Palavras-chave: currículo, ensino farmacêutico, cinema de comédia, ciência e arte.

Abstract. The image of the scientist who develops drugs in Hollywood comedies: a curriculum discussion. The objective of this study is to analyze the students' perception of the image of the scientist who develops drugs in five comedy films used as the basis for a case study to help teach about Pharmaceutical Ethics. The film's characters are usually created on the basis of stereotypes and common sense, representations that are constructed and deconstructed culturally, as time goes by. A questionnaire was administered to the students at the end of the pedagogic practice. Data analysis showed that these films did not have any pharmacists and when asked about other films, the students had difficulty in citing films with pharmacists. This suggests that this professional has little visibility and his image is linked to the activities visible to the public. In order to explain this scenario, public policies from the health and education field were employed. Therefore it is a curricular discussion.

Keywords: curriculum, pharmacist education, comedy movies, science and art.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar as representações sociais percebidas pelos alunos do curso de bacharelado em Farmácia sobre a imagem do cientista que desenvolve medicamentos, representada em cinco filmes de comédia. Essa análise surgiu como um

desdobramento de uma estratégia de ensino proposta em uma tese de doutorado que utilizou filmes de comédia como subsídio para construção de um estudo de caso aplicado no ensino de Deontologia Farmacêutica, que aborda, quase que exclusivamente, normas e leis, sendo, de maneira geral, desinteressante para o aluno. A Deontologia, ciência que deriva da ética

aplicada normativa, ocupa-se em discutir os limites e as implicações éticas e legais do exercício da profissão farmacêutica sobre a sociedade (Mendonça, La Rocque & Ferreira, 2012). Segundo Sousa (2002, p. 4).

O ensino das questões relativas à ética profissional demanda uma abordagem que torne possível o estudo ordenado e progressivo de situações reais simuladas capazes de aguçar o interesse dos educandos, tanto nos aspectos de forma quanto nos conteúdos.

O uso do cinema, por se apropriar de uma linguagem universal, pode atuar como estratégia motivadora e significativa, aproximando o aluno de um conteúdo tão árido para ele. Por isso, a simulação de situações expressas pelo cinema pareceu-nos uma boa ferramenta em auxílio ao ensino desta disciplina (Mendonça, Ferreira & La Rocque, 2015).

As personagens em filmes são geralmente representadas segundo uma estereotipia. A estereotipia remete necessariamente para fenômenos de categorização, que também podem ser objeto de análise como elementos de representação social. A teoria das representações sociais é uma elaboração de Moscovici, da década de 1960, e “refere-se a um conjunto de conceitos, proposições e explicações criadas na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual” (Batista, 2004, p. 104). Siqueira (2008) escreve que as mídias de entretenimento exploram, com poucas variações, estereótipos já conhecidos, tais como: artistas, professores, donas de casa, operários, idosos e cientistas e que estes assumem características exaustivamente repetidas. Assim, a mídia impõe ao público visões da ciência e estereótipos que são rotineiramente reforçados.

Quando o público tem pouco acesso a outras fontes de informação, aquelas recebidas tenderão a ganhar importância, mesmo que os espectadores não tenham consciência disso. Esse é um dos princípios básicos da teoria da comunicação e encontra respaldo na antropologia: os sinais e as mensagens terão apenas o significado que as experiências individuais e sociais do indivíduo lhe permitam interpretar (Siqueira, 2008, p. 48).

Esta prática pedagógica já vinha sendo aplicada de forma empírica desde 2008 e passou a ser sistematizada em pesquisa de doutorado em

Ensino de Ciências e Saúde a partir de 2012. Os filmes sistematizados foram: *O inventor da mocidade* (Hawaks, 1952), *O professor alopado* (Lewis, 1963), *Júnior* (Reitman, 1994), *O professor alopado* (Shadyac, 1996) e *Sem sentido* (Spheris, 1998). A opção por filmes *Hollywoodianos* reside na facilidade de acesso e na influência que a indústria cinematográfica americana exerce sobre o público brasileiro. Embora os filmes utilizados sejam americanos, as semelhanças e diferenças legais e culturais entre o Brasil e os Estados Unidos foram levadas em consideração no momento da aplicação da estratégia de ensino em sala de aula. Um fato chamou a atenção no momento da seleção dos filmes: a representação dos cientistas que participam de Pesquisas Clínicas no desenvolvimento de medicamentos retratados nos enredos. Por que não são farmacêuticos? E outras questões emergiram a partir da primeira: Por que os farmacêuticos são pouco retratados no cinema? Por que quando são retratados estão geralmente associados ao atendimento de balcão de uma Farmácia? O farmacêutico no protagonismo de uma pesquisa relacionada ao desenvolvimento de um medicamento é um profissional da saúde invisível? A Agência Nacional de Vigilância Sanitária [Anvisa] (2015) define pesquisa clínica como: “qualquer investigação em seres humanos, objetivando descobrir ou verificar os efeitos farmacodinâmicos, farmacológicos, clínicos e/ou outros efeitos de produto(s) e/ou identificar reações adversas ao produto(s) em investigação, com o objetivo de averiguar sua segurança e/ou eficácia”. Prossegue ainda estabelecendo as fases da pesquisa clínica como:

- a) **Fase Pré-clínica:** Aplicação de nova molécula em animais, após identificada em experimentações *in vitro* como tendo potencial terapêutico;
- b) **Fase II (Estudo Terapêutico Piloto):** Primeiros estudos controlados em pacientes, para demonstrar efetividade potencial da medicação (entre 100 e 200 pacientes);
- c) **Fase III:** Estudos internacionais, de larga escala, em múltiplos centros, com diferentes populações de pacientes para demonstrar eficácia e segurança (população mínima aprox. 800);
- d) **Fase IV:** São pesquisas realizadas depois de comercializado o produto e/ou especialidade medicinal.

Todas estas atividades devem ser realizadas por equipe multiprofissional e o farmacêutico tem participação, em todas as fases, com

responsabilidades claramente delineadas pela Resolução CFF n. 509 (2009), que regula as atividades do farmacêutico, com adequada formação na pesquisa clínica.

Uma justificativa para a prevalência dessa imagem que reflete o senso comum pode residir nas políticas que definem os currículos formais e delineiam o perfil do egresso do curso de Farmácia, além das normas que especificam as atribuições deste profissional. Entretanto, o senso comum irá reconhecer, de imediato, as funções profissionais que são visíveis ao público, tal qual o ato de dispensação que é definido pela Lei 5591 (1973), inciso XV como: “ato de fornecimento ao consumidor de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos, a título remunerado ou não”. Por isso, para melhor entendimento do porquê de o farmacêutico ter pouca visibilidade frente ao público leigo e de suas atribuições frequentemente serem conferidas a outros profissionais, será exposto, a seguir, um breve histórico da profissão farmacêutica.

A profissão farmacêutica: em que ponto surgiu a Costela de Adão?

O que se tentou buscar aqui foi uma explicação para a invisibilidade do farmacêutico, frente ao senso comum, como ator participante na pesquisa clínica ao longo do desenvolvimento de medicamentos. Uma possível resposta apoia-se no perfil do profissional farmacêutico descrito pelas políticas públicas educacionais, que ao longo do tempo, foram se modificando para dar conta das transformações sociais. É certo que as transformações sociais estão também intimamente relacionadas ao desenvolvimento tecnológico e aos interesses governamentais como será abordado em seguida.

Os primeiros registros da profissão farmacêutica remontam ao Antigo Egito e à Mesopotâmia. As atividades de diagnóstico e preparação de fórmulas para a cura, e que atualmente reconhecemos como atividades do médico e do farmacêutico, respectivamente, eram exercidas por um único indivíduo. “A separação do exercício dos atos médicos e farmacêuticos em dois profissionais distintos foi pacífica em alguns lugares, porém em outros levou séculos para se concretizar e um só indivíduo acumulou ambas as funções por muito tempo” (Corral, Souza & Negrão, 2009, p. 24). Na Europa, a separação ocorreu entre os séculos XII e XIII, na França. “Já em 1233 foi

promulgado o Édito de Frederico II da Suábia que determinava a separação entre os exercícios da Medicina e da Farmácia” (Zubioli, 1992, p. 2). Em Portugal, a separação dos dois exercícios foi determinada no século XV, em 1461.

Do período Colonial até o início do século XIX, Portugal não permitia o funcionamento de escolas superiores no Brasil. Nas regiões distantes os mascates carregavam consigo drogas e medicamentos, e às vezes assumiam o papel de curandeiros indicando remédios, não somente para a população, mas também para animais. Não havia uma delimitação clara de atribuições profissionais, não havia esta denominação que diferenciava o médico, o químico, o barbeiro, o farmacêutico (Zubioli, 1992).

O ensino de Farmácia no Brasil foi iniciado, oficialmente, em 1832 vinculado ao curso de Medicina, tanto no Rio de Janeiro como na Bahia. “Nessa época, os farmacêuticos tinham nas boticas seu local de trabalho por excelência, e sua formação era voltada para o atendimento das necessidades da população, no âmbito privado” (Furtado, 2008, p. 17). A visão do senso comum, prevalente até hoje em dia, é que o farmacêutico está restrito apenas aos atos de dispensação e manipulações magistrais, procedimentos visíveis aos usuários, o que está relacionado ao exercício original da Farmácia praticada no século XIX. Na época os farmacêuticos (boticários) exerciam papel importante suprimindo parcialmente a omissão do Estado na atenção individual à saúde e na falta de médicos. “Em função disto o ensino ministrado na época era voltado para a prática profissional de responder às necessidades da comunidade levando em conta a atenção individual ao cidadão” (Spada, Chagas, Silva & Castilho, 2006, p. 172).

Na passagem do século XIX para o século XX, a descoberta dos antibióticos e a formulação da teoria microbiana, possibilitaram a vinculação de diversas doenças e seus agentes etiológicos, o que desencadeou uma revolução terapêutica, “criando os alicerces da farmacologia química de orientação científica” (Nascimento, 2005, p. 22). A fabricação em larga escala de medicamentos industrializados teve seu marco em 1920, sendo intensificada após a II Guerra Mundial (idade de ouro da indústria Farmacêutica, entre 1940 e 1960) o que aumentou a necessidade de formação de mão-de-obra para as indústrias em detrimento ao trabalho nas boticas (Furtado, 2008). Com o impulso da propaganda veiculada pelas

indústrias, criou-se a cultura da medicalização, que explora o valor simbólico do medicamento como objeto mercadológico de saúde e poder (Lefèvre, 1991). Esse pensamento socialmente sustentado pela indústria farmacêutica fez com que o medicamento fosse encarado como qualquer outro bem de consumo, uma mercadoria como outra qualquer, não precisando de profissional qualificado para vendê-lo. Isso causou o declínio das farmácias de manipulação e o desaparecimento do farmacêutico das farmácias comerciais, fato que o tornou invisível aos olhos do público. Esse fenômeno não aconteceu de forma isolada no Brasil, mas sim em todo o ocidente, bem como nos Estados Unidos, onde ocorrem os enredos dos filmes selecionados para o estudo deste artigo. Consequentemente, no Brasil, os interesses econômicos acabaram por influenciar o perfil do egresso preconizado pelas normas balizadoras do currículo, tal como exposto no Parecer n. 268 (1962):

Não basta ao Brasil de nossos dias a figura tradicional do farmacêutico encarregado da Farmácia comercial. Torna-se imperioso preparar os cientistas e os técnicos capazes de dirigir e fazer prosperar uma indústria farmacêutica que faturou cinquenta bilhões de cruzeiros em 1961.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o Brasil viveu o chamado 'Milagre econômico brasileiro' em que o governo enfatizava o grande desenvolvimento nacional. O reflexo sobre o ensino farmacêutico foi a implantação do currículo mínimo para o profissional farmacêutico em 1962 com o Parecer n° 268 (1962), que tinha uma característica tecnicista e fragmentária. Os formandos em Farmácia, então, acabaram abandonando a prática da dispensação e enveredaram para outras atividades, mais rentáveis, introspectivas; e, aos poucos, foram abandonando a atenção à saúde e interação com o público, para se transformar no profissional do medicamento. Como o profissional formado para atender à indústria farmacêutica não mais necessitava de interagir com o ser humano, seu perfil inicial foi se perdendo, ao ponto de, em 1965, o Ministro da Educação sugerir ao Conselho Federal de Educação uma avaliação, visando à extinção do curso de Farmácia, como tal, sendo que poderia passara ser ministrado nas escolas de Química, como uma variante desta formação (Zubioli, 1992); todavia, a discussão não tomou corpo e o

curso foi mantido com essa característica até os fins da década de 1960. Esse fato pode justificar, em parte, porque as atividades do químico e do farmacêutico, frente ao público leigo, podem ainda ser confundidas.

Nos 'Anos de chumbo' ocorreram a Reforma Universitária e a Reforma Sanitária de 1968, por meio da Lei n° 5.540 (1968). Para se adequar ao arcabouço legal, um novo currículo mínimo foi proposto pelo Parecer CFE n. 287 (1969). Este currículo reforçou a fragmentação imposta pelo currículo anterior e culminou numa hierarquização dos campos de atuação do farmacêutico (Furtado, 2008).

[...] a indústria farmacêutica moderna é uma indústria de transformação, enquanto a Farmácia representa um estabelecimento predominantemente comercial, com um artesanato técnico em involução (Parecer CFE n. 287, 1969).

Isto causou a evasão deste profissional das farmácias de manipulação e do comércio varejista, de maneira que o público passou a reconhecer como 'farmacêuticos' os balconistas que vendiam os produtos sem necessidade de formação específica, circunstância que desqualificou o graduado em Farmácia e influenciou o senso comum no sentido de ajudar na percepção do farmacêutico como sendo invisível ou um profissional de menor status, capaz apenas de organizar produtos em prateleiras e vendê-los ao público.

A forma pela qual o mercado farmacêutico se inscreveu até então, com o afastamento do farmacêutico dos estabelecimentos de dispensação e, consequentemente, da orientação do uso racional de medicamentos, gerou a prática da "empurroterapia", formação de cartel, venda de produtos falsificados e veiculação de propagandas enganosas criando possíveis enfermidades por uso indevido de medicamentos. Nesse cenário, na década de 1970, surgiu o Movimento pela Reforma Sanitária que culminou na 8ª Conferência Nacional da Saúde (Ríos, 2011). Era necessário modificar o perfil de formação dos profissionais da saúde, e consequentemente do farmacêutico, porém, a mudança não foi rápida.

A partir da década de 1980, o cenário político já estava mudando, o Regime Militar enfraquecido e os movimentos sociais emergindo. Em 1988, após a abertura política, já em regime civil, foi promulgada a atual Constituição Federal que garantiu à população o direito à saúde. Em consequência, foram

publicadas as políticas públicas da Saúde com o estabelecimento do Sistema Único de Saúde [SUS] pela Lei 8080/90, garantindo à população a assistência integral à saúde, inclusive a assistência farmacêutica (Furtado, 2008). Tudo isso influenciou na modificação das diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação da área da saúde, inclusive a de Farmácia, fazendo com que o farmacêutico interagisse novamente com o paciente, e fosse novamente visto pelo público. As atuais políticas públicas da saúde, inclusive, tomando como ponto de partida a assistência integral ao ser humano, preconizam sempre equipes multiprofissionais formadas com senso crítico-reflexivo e humanístico para o atendimento do paciente. Nas atividades de pesquisa clínica no desenvolvimento de novos medicamentos também não é diferente, e o farmacêutico tem seu lugar garantido nesta equipe multiprofissional, por força de lei.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada em dados coletados por intermédio de questionários aplicados em seguida à prática pedagógica. O estudo emergiu da dificuldade encontrada em se ministrar a disciplina de Deontologia e Ética Farmacêutica. Essa disciplina é componente curricular obrigatório do quarto período do Curso de Bacharelado de Farmácia e conta com 30 horas/aula. Para tentar aproximar os alunos de um conteúdo considerado pouco interessante por eles, utilizou-se o enredo dos filmes de comédia como subsídio para um estudo de caso.

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Graduação em Farmácia de uma instituição federal no estado do Rio de Janeiro. Os participantes da pesquisa foram os alunos regularmente matriculados e inscritos na disciplina de Deontologia e Ética Farmacêutica. As turmas estudadas foram as do primeiro e do segundo semestres letivos do ano de 2012, aqui denominadas 1-2012 e 2-2012, respectivamente, e a do primeiro e do segundo semestres do ano de 2013, aqui denominadas, respectivamente, de 1-2013 e 2-2013.

Ao início de cada semestre letivo, os alunos eram informados que a atividade fazia parte de uma investigação de Doutorado em Ensino de Ciências e que sua participação era voluntária. Todos os alunos concordaram em participar após a leitura do Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido [TCLE]. A pesquisa foi aprovada pelo Parecer n. 175.250, de 3 de dezembro de 2012, do Comitê de Ética na Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz – Instituto Oswaldo Cruz [Fiocruz/IOC]. Para garantir a integridade dos sujeitos envolvidos, nenhum nome foi citado.

Em fase anterior ao uso dos filmes comédia em sala de aula, foi feita uma análise fílmica dos títulos selecionados tomando como base a técnica proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994). Essa técnica consiste em se desconstruir o filme fragmentando-o, selecionando os fragmentos mais relevantes à sua análise. Esses fragmentos foram esmiuçados à exaustão.

As turmas em que os filmes foram exibidos eram constituídas da seguinte maneira: turma 1-2012: 28 alunos, sendo três do sexo masculino e 25 do sexo feminino; turma 2-2012: nove alunos, sendo dois do sexo masculino e sete do sexo feminino; turma 1-2013: 33 alunos, dos quais quatro do sexo masculino e 29 do sexo feminino; turma 2-2013: 13 alunos, sendo três do sexo masculino e dez do sexo feminino. Esses números demonstram que as turmas são formadas, majoritariamente, por alunos do sexo feminino. Como a participação era voluntária, nem todos os alunos que assinaram o TCLE responderam ao questionário. Nas duas primeiras turmas, os questionários foram enviados eletronicamente. Assim, na primeira turma (1-2012), de 26 alunos, apenas sete questionários retornaram; na turma (2-2012), dos questionários enviados aos nove alunos, apenas um foi retornado. Nesse cenário, na terceira turma (1-2013) a professora aplicou o questionário presencialmente, conseguindo retorno expressivo: dos 33 alunos, 29 responderam. Entretanto, pelo fato de a última turma (2-2013) ter sido conduzida por professora substituta, novamente os questionários foram enviados por e-mail. Dos 15 alunos, apenas seis responderam, totalizando 43 questionários respondidos. Por esse motivo, os questionários foram analisados em conjunto e não por turma, o que não invalida o resultado do estudo, já que se trata de uma pesquisa qualitativa.

No primeiro dia de aula de cada semestre letivo a dinâmica de trabalho era exposta. A estratégia de ensino era elaborada ao longo de todo o semestre. O semestre foi conduzido com aulas expositivas e dialogadas. Cada turma foi dividida em grupos de cinco ou seis componentes, dependendo do seu tamanho

(para turmas maiores, grupos de seis alunos; para turmas menores, foram formados grupos de cinco alunos). Os filmes foram distribuídos entre os grupos de maneira a não ocorrer títulos repetidos em cada turma. O cronograma de exibição dos filmes em cada turma é exposto no Quadro abaixo:

Quadro 1. Cronograma de exibição dos filmes

Filme	Turma 1-2012	Turma 2-2012	Turma 1-2013	Turma 2-2013
O inventor da mocidade (Hawaks, 1952)		X	X	
Professor alopado (Lewis, 1963)			X	X
Júnior (Reitman, 1994)	X	X	X	
Professor alopado (Shadyac, 1996)			X	X
Sem sentido (Spheris, 1998)	X		X	X

Um roteiro analítico que conduz o estudo de caso foi entregue aos alunos. Ao final do semestre letivo, os grupos apresentaram a resolução do estudo de caso e o questionário foi aplicado em seguida. As perguntas contidas nos questionários, e aqui analisadas, foram tabuladas e, em seguida, foram construídos gráficos ou tabelas.¹

O que se pretende como foco principal de discussão é a percepção discente sobre a identidade profissional do cientista que desenvolve medicamentos que são retratados nos cinco filmes selecionados para a pesquisa. Como desdobramento disso, verificou-se, também, se os alunos de Farmácia se reconheciam nesse papel e se tinham conhecimento da aparição do profissional farmacêutico em outros filmes. A importância dessas questões para o ensino farmacêutico reside no fato de que a Deontologia trata das delimitações legais da profissão, na apresentação e discussão dos atos normativos que determinam as atribuições privativas e não privativas do farmacêutico e na descrição do perfil do egresso exposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Farmácia [DCN-CF].

Resultados e discussão

¹As perguntas, objeto deste artigo estão expostas e respondidas textualmente na seção “Resultados e Discussão”.

Os cinco filmes explorados na pesquisa apresentam um ponto em comum: os cientistas retratados nas tramas estão desenvolvendo um produto com função terapêutica, similar a um medicamento. Esta atividade engloba a proposição de uma fórmula, a manipulação do produto e a experimentação dele em cobaias e humanos, este último, foco da pesquisa clínica. De fato, o desenvolvimento de um produto farmacêutico deve ser conduzido por uma equipe multiprofissional e não apenas pelo farmacêutico, porém, nesses filmes nenhum farmacêutico é sequer citado.

As perguntas do questionário aplicado ao fim da prática pedagógica diziam respeito à formação dos cientistas que desenvolvem medicamentos envolvidos nas tramas e forneceram dados para a discussão sobre o estereótipo concebido pelos cineastas, que acabam por se refletir no senso comum, assim como nele influenciar. “Os estereótipos são formas convencionalizadas de apreensão do real que os sujeitos vão internalizando e difundindo; são esquemas culturais que instituem uma percepção coletiva, mas nem por isso imutável” (Dias, 2012). Mesmo assim, a quebra desses estereótipos vai ocorrendo muito lentamente, enquanto que os dados coletados refletem as percepções de futuros farmacêuticos quanto à identidade profissional do cientista retratado nos filmes em questão.

A primeira pergunta aqui analisada é: “Na sua observação, qual é a formação do cientista que conduz a pesquisa com medicamentos no filme que você assistiu [identidade profissional]?”. As alternativas eram químico, farmacêutico, médico e outro. No caso de a resposta ser ‘outro’, deveria indicar qual. O resultado está exposto na tabela a seguir:

Tabela 1. Formação do cientista retratado no filme

	Químico	Farmacêutico	Médico	outro	Total
1º sem/2012	1	4	1	1	7
2º sem/2012	0	0	1	0	1
1º sem/2013	15	2	6	6	29
2º sem/2013	4	0	0	2	6
Consolidado	20	6	8	9	43

Quanto à identidade do cientista que desenvolve medicamento nas tramas, a análise filmica realizada na fase de pré-seleção dos títulos resultou no seguinte: a) em *O inventor da mocidade*, Dr. Fulton é químico. Isso é informado de maneira clara, decorridos quatorze minutos e 56

segundos do filme; b) em *O professor aloprado* (Lewis, 1963), Professor Kelps dá aulas de química, sua profissão não é objetivamente informada, mas pela natureza das aulas e pelo contexto do filme se deduz isso; c) em *Júnior* (Reitman, 1994), Dr. Arbogast e Dr. Hess são médicos, o primeiro é ginecologista e, quanto ao segundo, não é informada de maneira objetiva sua especialidade; d) em *O Professor aloprado* (Shadyac, 1996), Professor Klump dá aulas de genética. Essa disciplina é comum a todos os cursos da área biomédica, sendo assim lecionar este conteúdo pode ser responsabilidade de qualquer profissional dessa área, pois a sua profissão não é informada de maneira objetiva; e) em *Sem sentido* (Spheris, 1998), o pesquisador é neurocientista, o que recai no mesmo caso anterior. Não há nenhum personagem claramente identificado como farmacêutico nos filmes estudados, nem mesmo é feita menção a este profissional.

A pergunta seguinte foi 'O que levou você a identificar a formação do cientista do filme assistido?'. As opções fornecidas e as respostas foram:

- a) A formação dele foi informada de maneira clara no filme: 22 respondentes.
- b) Deduzi a profissão do cientista pelo contexto do filme: 19 respondentes.
- c) Estou convicto que é sua atribuição: 2 respondentes.
- d) Outro: nenhum.

Analisando-se as respostas dadas, dos seis alunos que responderam na primeira pergunta que o cientista representado era farmacêutico, quatro deles, na segunda pergunta, disseram que os contextos dos filmes os levaram a entender isso, e dois afirmaram que estavam convictos de que o desenvolvimento e testagem de substâncias terapêuticas, em cobaias e seres humanos, são, também, atribuições do farmacêutico. De fato, essa atribuição profissional é delimitada por lei específica, a Resolução CFF n. 509 (2009). Já o Decreto Federal n. 85.878 (1981), que dispõe sobre as principais atribuições do profissional farmacêutico, informa em seu Art. 1, inciso I que, "o desempenho de funções de dispensação ou manipulação de fórmulas magistrais e farmacopeicas, quando a serviço do público em geral ou mesmo de natureza privada"; são privativas do farmacêutico. Entretanto, em quase todos os filmes estudados, a fórmula é desenvolvida e manipulada pelos cientistas, médicos ou químicos. Apenas no filme *Sem*

sentido (Spheris, 1998) não há menção ao preparo. A droga já está pronta apenas para ser testada. A lei é colocada dessa forma, pois as atribuições profissionais são reflexos das construções curriculares de cada curso, definidas pelas suas Diretrizes Curriculares Nacionais [DCN] (Brasil, 2002). As atuais DCN-CF confere à formação farmacêutica a responsabilidade de dotar o futuro profissional de saberes necessários ao desenvolvimento de trinta e uma habilidades e competências, dentre elas as adequadas ao desenvolvimento e testagem de produtos com ação terapêutica (Art. 5).

VIII - atuar na pesquisa, desenvolvimento, seleção, manipulação, produção, armazenamento e controle de qualidade de insumos, fármacos, sintéticos, recombinantes e naturais, medicamentos, cosméticos, saneantes e domissanecantes e correlatos;

X - atuar na avaliação toxicológica de medicamentos, cosméticos, saneantes, domissanecantes, correlatos e alimentos;

XXII - formular e produzir medicamentos e cosméticos em qualquer escala (Brasil, 2002).

Apenas dois alunos se identificaram com as atividades de pesquisa clínica exibidas nos filmes, embora seja essa uma atribuição legalmente conferida a este profissional.

A Resolução CFF n. 509 (2009) regula as atividades do farmacêutico, com adequada formação, na pesquisa clínica, atuando em instituição de pesquisa clínica, organizações representativas de pesquisa clínica, indústria ou outras instituições que realizem pesquisa clínica envolvendo medicamentos e produtos para saúde:

Artigo 3º - É atribuição privativa do farmacêutico atuante em pesquisa clínica:

[...] III - Atuar de maneira efetiva no armazenamento, dispensação, preparo e transporte de medicamentos e/ou produtos para saúde destinados a estudos clínicos.

[...] VI) - Participar do projeto de pesquisa clínica como pesquisador responsável ou como colaborador quando for o caso.

No texto legal fica evidente que a atribuição de manipular (preparar) medicamentos ou produtos para saúde em estudos clínicos é privativa do farmacêutico, não devendo ser

realizada por outro profissional como é mostrado na maior parte dos filmes. Isto é devido à estrutura curricular deste curso sugerido pelas atuais DCN (Brasil, 2002), que em seu art. 6º informam que os conteúdos do curso devem contemplar as seguintes áreas: I – Ciências Exatas; II – Ciências Biológicas e da Saúde; III – Ciências Humanas e Sociais; e IV – Ciências Farmacêuticas, específicas apenas deste curso. As disciplinas obrigatórias que dão subsídios para a manipulação e preparo de medicamentos, privativas e específicas do curso de Farmácia, que estão inclusas nesta última categoria, são a Farmacotécnica e a Tecnologia Farmacêutica. Elas tratam das técnicas de preparação, levando em consideração tanto as interações físico-químicas, como farmacológicas do produto, a primeira em escala de bancada e de Farmácia de Manipulação e a segunda em escala industrial.

O inciso VI do Art. 3º da Resolução CFF n. 509 (2009) também evidencia que o farmacêutico é profissional obrigatório na equipe que conduz pesquisa clínica e que deve ser responsável, frente aos órgãos de fiscalização sanitária, pelo ambiente de guarda e dispensação de medicamentos e produtos para saúde utilizados em estudos clínicos. Obviamente que os filmes são obra de ficção, e nem sempre têm o compromisso com a realidade, porém o que se pretende aqui é discutir sobre os estereótipos inculcados pelos cineastas ao público, advindos do senso comum e que reforçam a invisibilidade do farmacêutico no campo de pesquisa clínica.

Outro fato que reforça a invisibilidade do profissional farmacêutico na visão do cineasta é a resposta dada à última pergunta do questionário: 'Você saberia citar um título de filme que tenha um personagem farmacêutico(a)?' Dos 43 alunos respondentes, somente seis souberam informar, sendo os seguintes títulos informados por eles: *Amor e outras drogas* (Ziwek, 2010), *Fórmula 51* (Yu, 2001) e *A ilha* (Bay, 2005), citados duas vezes cada um. *O menino da porteira* (Moreira Filho, 2009) e *Dona Flor e seus dois maridos* (Barreto, 1976) foram citados uma vez cada um. De todos os filmes citados, em *Amor e outras drogas* (Ziwek, 2010) só aparecem médicos, enfermeiros e a personagem principal é propagandista, sem formação no ensino superior; em *Fórmula 51* (Yu, 2001) a personagem principal é médico farmacologista que ao longo do filme perde seu diploma e o direito de exercer a profissão e se autointitula químico; em *A ilha* (Bay, 2005) o

experimento é conduzido por médicos, cirurgiões e clínicos. Os filmes citados em que realmente aparece o farmacêutico são: *O menino da porteira* (Moreira Filho, 2009), no qual há um farmacêutico dono da Farmácia do Arraial e *Dona flor e seus dois maridos* (Barreto, 1976), em que Teodoro Madureira, segundo marido de dona Flor, é dono e responsável por uma farmácia de manipulação. Os fatos aqui expostos tornam claro que a identificação do profissional farmacêutico em filmes também é duvidosa entre os alunos deste curso. Tais fatos, em sua maioria, levam-nos a refletir sobre as respostas dadas ao questionário aplicado quanto à invisibilidade do farmacêutico como profissional qualificado para atuar na saúde. Em primeiro lugar, pode-se refletir sobre a origem histórica, em que o farmacêutico surge como a 'Costela de Adão' do médico, pois, no passado, o diagnóstico, prescrição e manipulação de medicamentos eram feitos por uma única pessoa. Assim, a figura do médico, no senso comum, oblitera a do farmacêutico nas atividades da pesquisa clínica. Em segundo lugar, pode-se pensar que as atividades em laboratório, de manipular fórmulas, são também praticadas pelo químico, o quê, por vezes, confunde-se com as atividades de manipulação de fórmulas pelo farmacêutico. Também, pode-se refletir sobre o porquê da imagem do farmacêutico, construída e reforçada pela mídia, retroalimentando o senso comum, percebê-lo apenas como aquele que trabalha no balcão da farmácia. Provavelmente, por esta ser uma atividade visível ao público, diferentemente da pesquisa clínica e da experimentação de novos medicamentos, atividade tão solitária, restrita ao espaço privado, fora da visão do público. Por ser um profissional com atividade de venda de medicamentos já pré-estabelecida pelo senso comum, é possível que o grande público não venha a cogitá-lo como integrante de uma equipe de pesquisa clínica. Mas, fica claro que ainda é prevalente aos olhos do público o farmacêutico na botica, uma visão do século XIX.

Considerações finais

Os estereótipos são construções que dependem da cultura e levam tempo para serem modificados. A construção histórico-política e os interesses econômicos que influenciam as políticas públicas curriculares podem explicar a pouca visibilidade do farmacêutico e o não

reconhecimento dele como ator participante para o desenvolvimento de medicamentos, frente ao senso comum, embora as leis específicas que tratam desta atividade o incluam como peça importante.

O cinema é pródigo em criar e veicular estereótipos. O estereótipo do cientista retratado nos filmes estudados aqui dá conta que o pesquisador de medicamentos é professor, médico ou químico e que não cabe este papel ao farmacêutico. Esta confusão de papéis pode ser explicada historicamente. Quando um levantamento histórico do perfil do farmacêutico é feito, verifica-se que, originalmente, o profissional que fazia diagnóstico, prescrevia e manipulava fórmulas era assumido por uma só pessoa: um pouco médico, um pouco farmacêutico, sendo a separação dos dois um processo longo. No início do século XIX, o farmacêutico detinha apenas a atividade solitária de formular e dispensar medicamentos na farmácia, atividade visível ao público, visão do senso comum prevalente até hoje. Já no século XX, com o crescimento da indústria farmacêutica, o medicamento passou a ser considerado, erroneamente, uma mercadoria como outra qualquer, que poderia ser vendida por pessoas sem formação, causando quase a extinção da profissão, pois manipular fórmulas poderia ser feito pelos químicos. Este seria mais um ponto de confusão e sobreposição de habilidades e competências entre profissionais. De quem seria esta atribuição do ponto de vista do senso comum? Do químico? Do farmacêutico? Os farmacêuticos formados evadiram-se da farmácia para exercer outras atividades fora da visão do público, o que pode ter relegado este profissional ao esquecimento. De fato, o profissional farmacêutico é ainda pouco explorado no cinema, por não ter a mesma visibilidade ou status que o médico ou o químico. Inclusive, o reconhecimento legal da categoria farmacêutica foi posterior ao dos outros dois. Por outro lado, o estereótipo do farmacêutico retratado nos filmes citados pelos alunos está relacionado à sua atividade visível ao público, sua atuação inicial e exclusiva delineada no século XIX.

Não há a intenção aqui de afastar médicos, químicos, biólogos e enfermeiros das atividades de pesquisa clínica, pois esta deve ser conduzida por equipe multiprofissional, como define a lei, mas sim esclarecer qual parcela de responsabilidade cabe ao farmacêutico e não a outros profissionais. Este trabalho, então, ocupa-

se em verificar e explicar o porquê do senso comum poder influenciar a imagem do cientista que pesquisa medicamentos, concebida pelo cinema e que acaba por interferir na percepção do público e dos alunos de farmácia. A trajetória histórica influenciou as políticas curriculares, que transformaram o farmacêutico em um profissional de pouca visibilidade. Mas há aqui a preocupação em se esclarecer que o farmacêutico é ator participante e ativo na pesquisa clínica no desenvolvimento de medicamentos e que afirmar este lugar no que diz respeito ao senso comum é questão de tempo.

Referências

- Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2015). *Medicamentos. Pesquisa clínica*. Recuperado em 22 setembro, 2015, de <http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/pesquisa/def.htm>
- Barreto, R. (Diretor). (1976). *Dona Flor e seus dois maridos* [Filme cinematográfico]. Brasil Carnaval Unifilm. Duração: 120 minutos.
- Batista, M. M. (2004). Estereotipia e representação social: uma abordagem psicossociologia. In D. A. Barker. (Org.). *O poder e a resistência dos estereótipos* (pp. 103-116). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Bay, M. (Diretor). (2005). *A ilha* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos Warner Bros. Picture. Duração: 136 minutos.
- Corral, F. S. D., Souza, M. L. A., & Negrão, O. L. (2009). *Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia, de 1815 a 1949*. Salvador, BA: EDUFBA. Recuperado em 24 maio, 2015, de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/162/1/Do%20boticario%20ao%20farmaceutico.pdf>
- Decreto n. 85.878, de 7 de abril de 1981. (1981). Estabelece normas para execução da Lei nº 3.820, de 11 de novembro de 1960, sobre o exercício da profissão de farmacêutico, e dá outras providências. Recuperado em 21 outubro, 2013, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D85878.htm

- Dias, D. L. (2012). Senso comum e estereotípi-
nas práticas de leitura. *Inter-Ação*, Goiânia, 37(1),
27-36. Recuperado em 13 janeiro, 2015, de
[http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao
/article/view/18866/11238](http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/18866/11238)
- Furtado, V. S. (2008). *Análise do processo de
implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais do
curso de graduação em Farmácia no Estado do Rio de
Janeiro* (Dissertação de Mestrado). Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Hawks, H. (Diretor). (1952). *O inventor da
mocidade* [Filme Cinematográfico]. Estados
Unidos: FOX 2000 Pictures. Duração: 97
minutos.
- Lefèvre, F (1991). *O medicamento como mercadoria
simbólica*. São Paulo: Cortez.
- Lei n. 5.991 de 17 de Dezembro de 1973*. (1973).
Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio
de Drogas, Medicamentos, Insumos
Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras
Providências. Recuperado em 22 outubro, 2013,
de
[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5
991.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5991.htm)
- Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990*. (1990).
Dispõe sobre as condições para a promoção,
proteção e recuperação da saúde, a organização e
o funcionamento dos serviços correspondentes e
dá outras providências. Recuperado em 15
janeiro, 2015, de
[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf
/LEI8080.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/LEI8080.pdf)
- Lewis, J. (Diretor). (1963). *O professor aloprado*
[Filme Cinematográfico]. Estados Unidos:
Paramount Pictures. Duração: 107 minutos.
- Mendonça, L. G., La Rocque, L. R. de, &
Ferreira, F. R. (2012). Estudo de caso e o cinema
de comédia: modalidade de metodologia ativa
para o ensino de Deontologia. *Ensino, Saúde,
Ambiente*, 5(2), 57-68. Recuperado em 17 julho,
2014, de
[http://ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/e
nsinosaudeambiente/article/view/67/66](http://ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensinosaudeambiente/article/view/67/66)
- Mendonça, L. G., Ferreira, F. R., & La Rocque,
L. R. de (2015). O uso de cinema de comédia
para o ensino de Deontologia Farmacêutica:
olhares discentes. *Revista Interfaces da Educação*,
16(6), 8-26. Recuperado em 22 setembro, 2015,
de
[http://periodicos.uems.br/novo/index.php/inte
rfaces/issue/current/showToc](http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/issue/current/showToc)
- Moreira Filho, J. (Diretor). (2009). *O menino da
porteira* [Filme cinematográfico]. Brasil: Columbia
Films. Duração: 154 minutos.
- Nascimento, A. (2005). *Isto é regulação: ao persistir
os sintomas o médico deverá ser consultado*. São Paulo:
SOBRAVIME.
- Parecer n. 268/62*. (1962). Brasília, DF: [S. n.].
Documento digitalizado fornecido pelo
Atendimento do Ministério da Educação e
Cultura. Recuperado em 31 janeiro, 2015, de
[http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/fh
Ri9SAi56g4k1t3CepnoA.pdf](http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/fhRi9SAi56g4k1t3CepnoA.pdf)
- Parecer CFE n. 287/69*. (1969). Brasília, DF: [S.n.].
Documento digitalizado fornecido pelo
Atendimento do Ministério da Educação e
Cultura. Recuperado em 31, janeiro, 2015, de
[http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/m
0VQtgnt8NSAnVE1Hm9oNA.pdf](http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/m0VQtgnt8NSAnVE1Hm9oNA.pdf)
- Reitman, I. (Diretor). (1994). *Junior* [Filme
cinematográfico]. Estados Unidos: Universal
Studios. Duração 109 minutos.
- Resolução n. 2 de 19 de fevereiro de 2002*. (2002).
Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do
Curso de Graduação em Farmácia. Diário
Oficial da República Federativa do Brasil, seção
1, p. 9. Brasília, DF. Recuperado em 25 outubro,
2010, de
[portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002
.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf)
- Resolução CFF n. 509 de 29 de julho de 2009*. (2009).
Regula a atuação do farmacêutico em centros de
pesquisa clínica, organizações representativas de
pesquisa clínica, Indústria ou outras instituições
que realizem pesquisa clínica. Recuperado em 03
julho, 2012, de
[http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes
/509.pdf](http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/509.pdf)
- Ríos, F. (2011). A formação generalista como
fator de qualidade profissional. In C. Cecy, G. A.
Oliveira & E. M. M. B. Costa (Orgs.) *Melhoria da
qualidade em educação farmacêutica* (p. 39-54).
Brasília, DF: Abenfarbio.

Shadyac, T. (Diretor). (1996) *O professor aloprado* [Filme cinematográfico]. Estados Unidos: Universal Studios. Duração: 95 minutos.

Siqueira, D. C. (2008). *Comunicação e ciência: estudos de representações e outros pensamentos sobre a mídia*. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.

Sousa, F. C. (2002). *Ética e deontologia: textos para profissionais atuantes em bibliotecas*. Florianópolis, SC: EdUFSC.

Spada, C., Chagas, J. R., Silva, K. F. F., & Castilho, S. R. (2006). Farmácia. In A. E. Haddad (Org.). *A trajetória dos Cursos de Graduação na Saúde 1991-2004* (pp. 169-200). Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Recuperado em 27 janeiro, 2015, de <http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/439>

Spheris, P. (Diretor). (1998). *Sem sentido* [Filme cinematográfico]. Estados Unidos: Paris Films. Duração: 96 min.

Vanoye, F., & Goliot-Leté, A. (1994). *Ensaio sobre a análise filmica*. Campinas, SP: Papirus.

Yu, R. (Diretor). (2001). *Fórmula 51* [Filme cinematográfico]. Inglaterra: Imagem Filmes. Duração: 92 minutos.

Ziwek, E (Diretor). (2010). *Amor e outras drogas* [Filme cinematográfico]. Estados Unidos: FOX 2000 Pictures. Duração 112 minutos.

Zubioli, A. (1992). *Profissão: farmacêutico. E agora?* Curitiba, PR: Lovise.

Recebido em: 03/05/2015

Aceito em: 06/10/2015